

JORNAL DA fisenge

Federação Inter estadual de Sindicatos de Engenheiros
Ano III nº 18 – dezembro de 2007

FILIADA À
CUT



TV DIGITAL

Para além do anúncio de uma “nova era” na televisão brasileira, governo mantém o velho sistema controlado pelas oligarquias

Concentração,
dependência
e exclusão

SOB PROTESTOS, ANP LEILOA PETRÓLEO BRASILEIRO

A Agência Nacional de Petróleo (ANP) realizou, no dia 27 de novembro, a 9ª Rodada de licitações de áreas para exploração e produção de petróleo, sob protestos dos movimentos sociais. Enquanto nosso petróleo era entregue às multinacionais, cerca de 250 pessoas ocuparam a sede da Agência, no Centro do Rio, para denunciar esse crime de lesa-pátria. Além da ocupação, os movimentos entregaram ao presidente Lula, à ministra Dilma

Roussef e aos presidentes da ANP e da Petrobras um manifesto exigindo a suspensão imediata dos leilões e a readequação da Lei do Petróleo (Lei 9478/97) a fim de garantir a soberania do país. Na grande imprensa, o destaque foi para a arrecadação do leilão, que chegou a R\$ 2,109 bilhões – quase o dobro do maior valor arrecadado na rodada anterior (R\$ 1,087 bilhão) – mas que pouco representa diante do potencial das áreas leiloadas.

EDITORIAL

O novo já está em cena

2007 foi marcado por difíceis lutas e pela consciência da necessidade de mobilizar e fortalecer o movimento sindical. Quadro este especialmente constatado na correlação de forças no Congresso Nacional. Como lembra Antônio Augusto de Queiroz, diretor de documentação do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap), três votações da última legislatura ilustram as dificuldades enfrentadas: a aprovação da emenda 3, uma tentativa de burlar a legislação trabalhista; a emenda de Augusto Carvalho, que exigia autorização do trabalhador para desconto do imposto sindical e a emenda ao projeto de funcionamento do comércio aos domingos, que condicionava a abertura das lojas à previsão em acordo coletivo. Na média das três votações, os votos favoráveis somaram 161, enquanto os contrários chegaram a 251.

A situação evidencia a importância de aumentar a pressão sobre os parlamentares. Pressão esta que deve ser feita não apenas pelos sindicatos, mas pelo conjunto da população. Democratizar a informação é importante vertente de ação nesse sentido, que deve ser executada em duas frentes – pressão pelo fim do oligopólio da mídia e fortalecimento da comunicação dos sindicatos, com apropriação das novas tecnologias para produção de rádio, TV e Internet.

É nesta linha que a Fisenge se propõe a atuar, enquanto aprofunda junto aos Sindicatos de Engenheiros filiados a discussão do papel da engenharia rumo a um desenvolvimento com inclusão social. O debate maior se dará no 8º Congresso (Congresso Nacional de Sindicatos de Engenheiros), de 3 a 6 de setembro de 2008, em Florianópolis/SC, com foco nos temas *energia e meio ambiente e construção da sustentabilidade e organização sindical*. Na mesma ocasião, haverá renovação da diretoria da Fisenge.

É imensa a nossa responsabilidade. Resgatar a memória recente do país, garantir direitos e conquistas é muito mais que um exercício de cidadania: é contribuir para a construção do cenário de um Brasil justo e igualitário em uma América Latina sob nova direção.

Parabéns, engenheiro e arquiteto!

O Dia do Engenheiro e Arquiteto, 11 de dezembro, foi comemorado pelos Senges da Bahia, Sergipe e Pernambuco com sessões especiais nas câmaras de vereadores de Salvador, Aracaju e Recife, respectivamente. No Paraná, o Sindicato de Engenheiros promoveu, no dia 6, um

jantar de confraternização com entrega de certificados aos engenheiros sindicalizados por 25 anos, que se tornam desobrigados de contribuição. As atividades foram parte das ações dos sindicatos para promover a valorização profissional.

Vitória dos trabalhadores

O Senado aprovou, no dia 29 de novembro, o projeto de lei da Câmara (PLC 88/07) que reconhece formalmente as centrais sindicais. A emenda que determinava o fim da obrigatoriedade do imposto sindical foi rejeitada pelos senadores em favor de um acordo firmado entre governo, oposição e sindicatos. O acordo estabelece a criação de um grupo de trabalho sob orien-

tação do Ministério do Trabalho e Emprego, com participação de trabalhadores e empresários, para elaborar no prazo de 90 dias uma proposta alternativa de financiamento dos sindicatos, que deverá ser uma contribuição negociada aprovada em assembleia à época das negociações coletivas. Devido às modificações, o projeto volta agora para análise da Câmara.

Conferência Nacional das Cidades

A Fisenge participou da 3ª Conferência Nacional das Cidades, que reuniu cerca de 3 mil pessoas entre os dias 26 e 29 de novembro. Foram debatidas mais de 300 propostas para melhorar a qualidade de vida nas cidades e reduzir o déficit habitacional, estimado pelo IBGE em 7,9 milhões de moradias. A Conferência aprovou a criação do Programa Nacional de Produção Social da Moradia,

voltado para associações comunitárias e cooperativas habitacionais autogestionárias, e do Sistema Nacional de Desenvolvimento Urbano, que visa integrar as políticas de habitação, saneamento ambiental, transporte e mobilidade urbana. Outra conquista foi a assinatura da Medida Provisória 387, pelo presidente Lula, que destina R\$ 106 bilhões para obras de saneamento e habitação.

A ameaça do agrocombustível

A expansão dos agrocombustíveis representa uma grave ameaça ao meio ambiente e à soberania alimentar do país. Esse foi um dos destaques do Relatório Direitos Humanos no Brasil 2007, divulgado no dia 6/12 pela Rede Social de Justiça e Direitos Humanos. O relatório aponta que as monoculturas necessárias para produção de agrocombustíveis destruiriam florestas e aumentariam a emissão de gás carbônico para a

atmosfera. Além disso, o etanol gerado a partir do milho ameaça a soberania alimentar do país, visto que este é um dos grãos que formam a base da alimentação humana. De acordo com o Instituto Internacional de Pesquisa sobre Políticas de Alimentação, o preço dos alimentos pode subir de 20 a 33% até 2010 e de 26 a 135% até 2020, caso se mantenha a atual expansão dos agrocombustíveis.

fisenge

FEDERAÇÃO INTERESTADUAL DE SINDICATOS DE ENGENHEIROS

DIRETORIA EXECUTIVA: Olímpio Alves dos Santos - RJ - Presidente: Carlos Roberto Bittencourt - PR - Vice-presidente: Roberto Luiz de Carvalho Freire - PE - Diretor Tesoureiro: Antônio Dias Vieira - MG - Secretário Geral: Paulo Cesar N. Granja - RJ - Diretor de Relações Sindicais: Fernando Elias Vieira Jogaib - VR - Diretor Executivo: Ubiratan Félix Pereira dos Santos - BA - Diretor Executivo: Alméria Vitória Carniati - PB - Diretora Executiva: José Ezequiel Ramos - RO - Diretor Executivo
Coordenadora de Comunicação: Tânia Coelho - Jornalista Responsável: Bruno Zornitta, MTE 28.779/RJ
Diagramação: Leonardo Santos - Tiragem: 2.000 exemplares; Impressão: Gráfica Falcão
Fisenge: Av. Rio Branco, 277 - 17º andar - CEP 20040-009 - Centro - Rio de Janeiro - RJ
Tel: (21) 2533-0836 - Fax: (21) 2532-2775 - E-mail: fisenge@fisenge.org.br Site: www.fisenge.org.br

TV digital brasileira contraria interesse público

No dia 2 de dezembro, a TV digital brasileira entrou em funcionamento, com transmissão em rede nacional pelas emissoras que compõem o oligopólio nacional. Muito se falou em “revolução” e “marco histórico”, mas por trás da euforia daqueles que vêem na digitalização uma oportunidade de aumentar os lucros fica o triste legado que a nova TV deixará para os trabalhadores: concentração de propriedade dos meios de comunicação, mais dependência tecnológica do país e exclusão digital.

“Em termos sociais, não muda nada. É uma mera mudança tecnológica. Acho que ainda temos possibilidades de avançar, mas isso depende de um debate político e de mobilização da sociedade”, diz Marcos Dantas, jornalista e doutor em Engenharia de Produção pela COOPE-UFRRJ. Dantas, que foi representante do MEC no Comitê Gestor da TV Digital, afirma que os engenheiros estão “comendo

mosca” nesse debate: “Teria sido fundamental que a tecnologia brasileira, o Ginga, já estivesse nos conversores de TV digital que estão sendo vendidos. Os Senges e Creas deveriam discutir isso”.

Gustavo Gindre, jornalista e membro do coletivo Intervozes, explica que a digitalização permitiria acabar com o oligopólio da mídia, desenvolver a indústria nacional e promover a inclusão digital. Mas nada disso será feito, pois o governo, por meio de um decreto editado durante a Copa do Mundo, deu para cada atual emissora o espaço onde caberiam até seis diferentes programações, além de optar pela tecnologia estrangeira. “Se antes as emissoras tinham um latifúndio, agora terão um latifúndio improdutivo, pois não conseguirão produzir programação suficiente para ocupar o espaço”, denuncia Gindre. O jornalista diz também que, como a interativi-

Oligopólio, dependência e exclusão digital: as marcas do novo sistema

dade não estará disponível de início, quem comprar o conversor agora, em breve terá que trocá-lo por outro modelo ou acabará vítima da exclusão digital.

Em resumo: a TV digital que está em funcionamento no Brasil não difere muito, em termos de modelo, da velha TV analógica. Para aqueles que puderem arcar com os custos de um televisor já preparado para receber os sinais digitais, restará a possibilidade de assistir as mentiras do telejornal em alta definição. O debate é de extrema importância, uma vez que 95% dos lares brasileiros têm pelo menos um aparelho de televisão, segundo dados do IBGE. “A disputa não está perdida. Cabe a nós denunciar esse processo para pressionar o governo”, provoca Gindre.

Encontro de jornalistas fortalece comunicação dos Senges

Fisenge doa exposição de fotos ao projeto Imagens do Povo

Avançar na integração e na produção de comunicação dos sindicatos de engenheiros. Com esse objetivo, profissionais de imprensa da Fisenge e de nove Senges reuniram-se no último dia 23 de novembro, no Rio de Janeiro, para o I Encontro de Jornalistas de Sindicatos de Engenheiros. Pela manhã, os jornalistas debateram o cenário atual nas bases e as propostas de ação do coletivo. À tarde, foi realizada uma visita ao Observatório de Favelas, na Maré, com a presença dos diretores da Fisenge, reunidos no Conselho Deliberativo da entidade.

“O espaço da comunicação hoje é o espaço da política. A mídia hoje faz política. Precisamos disputar a hegemonia com nossos veículos de comunicação”,



Diretores e jornalistas em visita ao Observatório de Favelas

diz Agamenon de Oliveira, coordenador de comunicação da Fisenge e presidente do Sengen-RJ. A partir deste encontro, as assessorias de imprensa dos Senges e da Fisenge passarão a atuar em rede, promovendo ações comuns.

Na Maré, os jornalistas e diretores co-

nheceram o projeto Imagens do Povo, para o qual a Fisenge doou uma exposição de 60 fotos da coleção “Éxodos”, de Sebastião Salgado. Houve também uma visita guiada aos núcleos de Comunicação, Violência e Direitos Humanos e Documentação do Observatório de Favelas.

Após a visita, foi realizado um debate sobre a representação das favelas na mídia, no auditório do Sengen-RJ. “Fotografar é reconhecer valores, criar repre-

sentações. A essência do projeto é mostrar a favela não pela ótica da exclusão, mas da inclusão, do que ela tem de produtivo. Porque o jornalismo que vem sendo feito é nocivo à pobreza, criminalizando-a”, diz João Roberto Ripper, coordenador do Imagens do Povo.

MERCADO DE TRABALHO

PROCURA-SE ENGENHEIROS

O mercado de trabalho dos engenheiros carece hoje de 20 mil profissionais. Os números são do Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (Confea). Para o presidente da entidade, Marcos Túlio de Melo, a falta de planejamento resultante do abandono da cultura técnica nas últimas décadas é o principal responsável por esse quadro. Em entrevista ao Jornal da Fisenge, Marcos Túlio aponta as iniciativas que estão sendo tomadas no sentido de valorizar a profissão de engenheiro.

Que razões o senhor atribui a essa escassez de profissionais no mercado?

Nos últimos anos, em função das poucas perspectivas de desenvolvimento do país, áreas como a de engenharia, por exemplo, deixaram de atrair os jovens em idade de prestar vestibular. Ao contrário dos anos 60 e 70, quando o planejamento e o crescimento fizeram da Engenharia e suas especializações uma das cadeiras mais procuradas, o que se registrou nas últimas décadas foi à falta de estímulos suficientes para que o interesse pela área tecnológica continuasse em crescimento. Acredito que essa falta de planejamento, resultado do abandono da cultura técnica, seja a principal razão da carência de profissionais brasileiros especializados.

Este é um grande problema para o Brasil, não?

Para se ter uma idéia, atualmente, 70% dos nossos formandos em engenharia migram para outras áreas de atividade. Isso tem provocado que empresas multinacionais se instalem no país trazendo engenheiros de fora para instalar projetos cuja tecnologia não dominamos. Na comparação com outros países, levantamentos dão conta que atualmente temos cerca de 600 mil engenheiros atuantes. A

estes somam 20 mil, por ano, saídos das faculdades. Nossos índices indicam seis engenheiros em cada mil trabalhadores. Estados Unidos e o Japão têm 25 engenheiros para cada mil trabalhadores e a França, 15 por mil. A China forma cerca de 300 mil engenheiros ao ano, a Índia, 400 mil e a Coréia do Sul, 80 mil, ou seja, nesse último caso, mais de quatro vezes o número brasileiro.

Como o Confea está lidando com essa questão?

O Confea integra um grupo de 17 instituições do setor público responsáveis pelo

do ensino da engenharia, a Finep anunciou o Promoção e Valorização das Engenharias (Promove) com investimento de R\$ 40 milhões, destinado a reforçar a interação entre faculdades de engenharia, setor empresarial e escolas do nível médio e técnico. Mais de 100 projetos estão sendo analisados para contratação até o início de janeiro.

E como esta situação está sendo encarada no meio acadêmico?

No setor educacional, novas diretrizes curriculares para a engenharia estão em andamento para flexibilizar os cursos de ensino superior. Elas enfatizam o empreendedorismo e introduzem novos elementos ao perfil do formando, como formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, capacidade de absorver e desenvolver novas tecnologias, em atendimento às demandas da sociedade. Uma resolução do Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura (Confea) possibilitou a incorporação de novas atribuições e especializações ao diploma de engenheiro, reconhecendo competências e habilidades obtidas em cursos regulares, até então não previstas, como técnico ambientalista, consultoria, treinamento, manutenção, auditoria e arbitragem, entre outras. As escolas precisam se preparar para isso. A velocidade das mudanças tecnológicas não permite mais que os engenheiros façam hoje os mesmos serviços que faziam no início de sua vida profissional. O mercado de trabalho não aceita mais um profissional de uma ferramenta só. No entanto, essas mudanças nas áreas da engenharia brasileira e de inovação tecnológica exigem mais dinheiro público. O documento Inova Engenharia avalia os níveis atuais de desenvolvimento econômico e social do Brasil e apresenta alternativas que possibilitam ao país investir em políticas voltadas a transformar o conhecimento científico em inovações capazes de gerar riquezas.

"Atualmente, 70% dos formandos em engenharia migram para outras áreas de atividade"

Marcos Túlio de Melo



programa Inova Engenharia, uma análise acompanhada de diagnóstico sobre o atual cenário econômico do país e a engenharia brasileira. Lançado em maio, esse estudo já surte efeitos como o estímulo aos investimentos em inovação tecnológica, além do surgimento de iniciativas visando à modernização da educação em engenharia no Brasil. O Governo Federal, através da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), agência de fomento do Ministério da Ciência e Tecnologia, ampliou recentemente o aporte de recursos para o setor com o Programa de Subvenção Econômica a Empresas, prevendo a concessão de empréstimos não reembolsáveis, no valor total de R\$ 510 milhões, para projetos de inovação tecnológica. Especificamente para apoiar o processo de modernização